
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARCUS VINÍCIUS DA COSTA

**ATIVIDADES DE AVENTURA E RISCO
COMO BUSCA DA EXCITAÇÃO
NO LAZER E NO ESPORTE**



Rio Claro
2009

MARCUS VINÍCIUS DA COSTA

**ATIVIDADES DE AVENTURA E RISCO
COMO BUSCA DE EXCITAÇÃO
NO LAZER E NO ESPORTE**

Orientador: Prof. Dr. Carlos José Martins

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,
para obtenção do grau de Bacharel em
Educação Física

Rio Claro
2009

796.019 Costa, Marcus Vinícius da
C837a Atividades de aventura e risco como busca da excitação
no lazer e no esporte / Marcus Vinícius da Costa. - Rio Claro :
[s.n.], 2009
21 f. : il.

Trabalho de conclusão (Bacharelado - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências
Orientador: Carlos José Martins

1. Esporte - Aspectos sociológicos. 2. Sociologia
configuracional. 3. Influências sociais. 4. Emoções intensas.
5. Pulsões. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho ao meu Pai José Aparecido da Costa, minha Mãe Dirce Maria da Costa, minha Irmã Marília de Cássia Costa e a minha Sobrinha Gabriela Leão Costa.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente a minha família, principalmente aos meus pais, pelo apoio incondicional. Agradeço aos Professores do Departamento de Educação Física deste instituto, em especial ao Professor Carlos José Martins, pela paciência e pelo conhecimento passado com muita sabedoria. E aos amigos que durante a vida acadêmica se tornaram uma admirável família.

SUMÁRIO

	Página
1- INTRODUÇÃO.....	5
1.1- OBJETIVO.....	6
1.2- METODOLOGIA.....	6
2- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	7
2.1 – CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DAS EMOÇÕES.....	7
2.2 – O LAZER COMO PONTO DE EQUILÍBRIO DAS RESTRIÇÕES.....	8
2.3 - COMPARAÇÃO DOS TERMOS TRABALHO E LAZER.....	9
2.4 – A RELAÇÃO COM O RISCO.....	13
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

1- INTRODUÇÃO:

As atividades em meio à natureza e/ou academias especializadas que visam a busca por formas de sensações e emoções intensas, expressas pela procura da chamada “adrenalina”, vêm se tornando cada vez mais demandadas por diversos tipos de pessoas. Essas atividades recebem o nome de atividades ou esportes de aventura. Dentre elas destacam-se o rapel, alpinismo, canoagem, corridas de aventura, vôo livre, pára-quedismo, raid, etc. Entretanto, cabe analisar mais profundamente por que cada vez mais pessoas as procuram e qual a relação dessa procura com o risco.

Como hipótese de investigação, indagaremos quanto a possibilidade dessas atividades serem onde estas pessoas podem experimentar emoções intensas cuja fruição encontra-se mais restrita em outras esferas de suas vidas ordinárias. Desta forma, podem experimentar em suas vidas calcadas em influências sociais reguladoras um relaxamento das mesmas no âmbito da esfera social do lazer e do esporte. Através de levantamento bibliográfico investigamos a existência de estudos quanto à busca por essas sensações fortes em determinadas práticas como uma maneira de procurar esferas da vida social onde as vivências de um tipo específico de emoções e excitações não estejam sujeitas ao regime mais rigoroso de restrições características da esfera do trabalho e demais esferas mais regradas da vida social. Neste caso tomamos o lazer e o esporte como eixo principal de análise, pois durante as atividades esportivas e de lazer os indivíduos se vêem em uma realidade um pouco menos regrada, e nela tem a oportunidade de experimentar sensações fortes e aceitas socialmente. Em função disto, o lazer e o esporte são identificados como atividades onde existe um amplo processo de criação de laços sociais e interdependência com maior margem de emoções intensas presente. Por conseguinte, são considerados mais espontâneos, diferente, por exemplo, do mundo das obrigações sociais mais rígidas como escola, trabalho, família e religião.

Tendo em vista a necessidade de descarga das tensões geradas pelas esferas mais regradas da vida social, acredita-se que o homem tente se ver mais

liberado destas regulações mais rígidas em meio a sociedade, e parta para um corpo a corpo com a natureza, na intenção de buscar suas provas, só poder contar consigo próprio, onde somente os recursos pessoais possam estar em jogo. O homem moderno de uma forma geral, com ênfase alcançada no individualismo contemporâneo, pode encontrar nas atividades de aventura um campo privilegiado, onde está desafiado a superar as adversidades contando com seus próprios recursos. Esse deslocamento permite ao indivíduo uma intensificação das sensações com sua própria ação tendo como resultado a produção de uma excitação agradável, e com ela tem a oportunidade de se desvincular de uma sociabilidade repleta de regras para se vincular a um âmbito menos regrado quanto à fruição de emoções fortes.

1. 1- Objetivo:

O presente trabalho tem como objetivo investigar sob o enfoque das ciências sociais os motivos pelos quais as atividades de aventura que se caracterizam pelo risco vêm sendo crescentemente procuradas como esporte e lazer para a busca da excitação no contexto de nossas sociedades contemporâneas.

1. 2- Metodologia:

O trabalho será desenvolvido através de pesquisa bibliográfica no campo das ciências sociais, primeiramente, partindo de um enfoque na teoria da busca da excitação no lazer e no esporte de Norbert Elias e Eric Dunning. Em seguida o trabalho vai se desdobrar em uma investigação específica, no campo das chamadas “atividades de aventura”, sobre a presença do risco como fator significativo na dinâmica das sensações buscadas nessas práticas. Portanto, através da sociologia configuracional, parte-se de um panorama da questão da busca da excitação na longa duração, evoluindo para um desdobramento contemporâneo do problema a luz da obra de David Le Breton.

2- Revisão bibliográfica:

2. 1- Configurações sociais das emoções:

Segundo Elias e Dunning (1992a, p. 101) comparando sociedades mais simples com sociedades industriais complexas quanto às situações críticas sérias, que originam o comportamento de excitação nos indivíduos, são bem menores em sociedades industriais mais complexas. Isso por que nas sociedades altamente desenvolvidas a organização social do controle da excitação individual, no sentido de não deixar escapar excitações fortes em público ou até mesmo sozinho, tornou-se mais forte e efetiva. Tais diferenças só se revelam com nitidez quando existe uma comparação do padrão de controle destas sociedades mais complexas com sociedades num estágio mais simples.

Elias e Dunning (1992a, p. 102) mostram que alguns estudos apontam que o aumento do controle público e privado de ações fortemente emotivas tem sido cada vez mais evidente. Nestas sociedades industriais mais complexas quanto ao processo civilizador as más colheitas deixam de ser uma catástrofe suscitando necessariamente o desespero da fome e a morte. O seu equivalente são as oscilações e crises econômicas. Mesmo quando ocorrem grandes crises e erupções repentinas de sentimentos fortes na vida dos indivíduos, esses sentimentos tendem a não aparecer, escondem-se. Os indivíduos estão ficando mais afastados, e mostram-se mais individualistas. Também para Le Breton (2006a, p. 88) um comportamento análogo dos indivíduos na contemporaneidade também pode ser observado em relação ao individualismo.

“A perda de legitimidade dos referenciais de sentido e de valores, sua equivalência geral numa sociedade onde tudo se torna provisório, desestabiliza o panorama social e cultural. A margem de autonomia do ator se amplia, mas trás consigo o medo ou o sentimento de vazio [...] Somos chamados a nos tornar empreendedores de nossas próprias vidas [...] A procura de sentidos é fortemente individualizada”.

O que se vê é que, cada vez mais, os valores que eram atribuídos a cerimônias de casamentos, rituais sociais ou religiosos, nascimentos de crianças e situações semelhantes, dificilmente proporcionam a mesma excitação pública que se via em sociedades menos diferenciadas. Sentimentos mostrados com demasia, assim como, enorme medo, profunda alegria, acentuado ódio e extremo amor, apresentam-se hoje com outra aparência. Só as crianças expressam toda sua excitação, apenas estas não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais quando se excitam, posto expressarem com mais liberdade seu sentimento seja ele qual for. Ver homens ou mulheres deixar escapar todas suas emoções em público deixou de ser encarado como normal, habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitem serem dominados pela excitação. Para que se enquadrem espera-se que os adultos controlem a tempo sua excitação, que aprendam a não se expor em demasia. Este controle que exercem em si próprio tornou-se tão frequente e comum, que de certo modo, passou a ser automático. O controle já não se encontra em pleno domínio do indivíduo, tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade.

2. 2- O lazer como ponto de equilíbrio das restrições:

Perante todas essas restrições sociais e o autocontrole existente em demasia em indivíduos dessas sociedades industriais mais complexas, as atividades de lazer surgem como um campo onde é possível o desencadear, aprovado no quadro social, de um comportamento moderadamente excitado em público. Todavia pode-se afirmar que restrições podem ser encontradas em quaisquer sociedades humanas, porém as relativamente fortes e equilibradas são características de indivíduos em sociedades diferenciadas e complexas, e emergem no transcorrer de uma transformação das estruturas sociais.

Como também podemos observar nos tempos mais antigos, numerosos tipos de atividades religiosas possuíam funções semelhantes às que as atividades de lazer tem hoje, em especial as do tipo miméticas, onde o termo “mimético” é definido pelos autores Norbert Elias e Eric Dunning (1992a, p. 124) como:

“aspecto de um tipo de fatos e experiências de lazer. O seu sentido literal é “imitativo”, mas já na Antiguidade era usado num sentido mais alargado e figurado. Referia-se a todas as espécies de formas artísticas na sua relação com a “realidade”, quer possuíssem um caráter de representação ou não”.

Entretanto ao longo do processo de civilização as atividades religiosas e até mesmo as atividades de lazer vêm sendo modificadas quanto ao seu equilíbrio de restrições. Oscilam menos, formando uma armadura pessoal de autocontrole. Já nas sociedades contemporâneas, rituais e crenças religiosas não proporcionam suficientemente uma esfera para a equilibrada relaxação das restrições. Entretanto, seja seu caráter qual for, a excitação buscada em alguns momentos de lazer são em certa medida reguladas por restrições civilizadoras. Essas restrições existentes vão tomando espaço das atividades de lazer e colocando-as cada vez mais de lado. Todavia, a satisfação do lazer, ou a falta dela, pode ser de total importância para o bem-estar das pessoas enquanto indivíduos ou sociedade.

2. 3- Comparação dos termos TRABALHO/ LAZER:

Atualmente o uso da palavra “lazer” vem se tornando cada vez mais popular em meio às sociedades mais complexas, entretanto, na maioria das vezes em que a ouvimos seu sentido vem associado ao trabalho, ou ao momento em que se está fora dele. De certa forma isto não está errado, o lazer só se dá fora de ambientes de trabalho, porém nem todo momento em que não se está trabalhando pode ser considerado um momento de lazer. E são nesses momentos, os momentos de lazer, que acontece a busca pelos sentimentos que foram sendo restringidos pelas sociedades modernas e seus processos reguladores.

Hoje em dia, a noção de que atividades de lazer podem ser explicadas como complementares ao trabalho aparecem com frequência, entretanto os termos, trabalho e lazer, foram elevados sem demais exames críticos ao estatuto de axioma científico. Tais termos foram distorcidos por uma herança de significados e valores. Atualmente as características que os diferenciam estão longe de serem nítidas, forma-se cada vez mais uma visão superficial do tema, gerando uma maneira simplista de entendê-los. Sobre essa ótica tradicional o trabalho classifica-

se como um dever moral que tem fim em si mesmo e o lazer como uma forma de preguiça ou indulgência. Elias e Dunning (1992a, p. 106).

Estes conceitos estão tão entrelaçados e confusos em seu entendimento ordinário que muitas vezes fica difícil descobrir se os deveres de uma dona de casa, o trabalho de escultor de um professor, devem ser classificados como trabalho, ou a prática de um jogador de basquetebol profissional deve ser considerada como lazer.

Para aprimorar estas elaborações conceituais os sociólogos Elias e Dunning (1992a, p. 108) estabelecem em seu enfoque uma distinção entre as noções de tempo livre e lazer. Ademais, propõem uma divisão de categorias que se encaixam dentro do tempo livre e mostram, com tal tipologia, que muitas atividades do nosso tempo livre não podem ser identificadas com atividades de lazer, são cinco as divisões:

1. Trabalho privado e administração familiar;
2. Repouso;
3. Provimento das necessidades biológicas;
4. Sociabilidade;
5. Atividades miméticas ou jogo.

Com esta divisão fica mais claro observar que a polarização do trabalho e do lazer na sua forma tradicional é inadequada. Pois ela sugere que, o chamado tempo livre, que é todo tempo que não é despendido no trabalho, sendo este um trabalho remunerado, pode ser dedicado totalmente a atividades de lazer. E de acordo com Norbert Elias e Eric Dunning existem diversas outras coisas que ocupam nosso tempo livre que não fazem parte dos momentos de lazer, inclusive atividades da esfera do trabalho profissional. Entretanto, esta nova forma de abordar a questão trabalho/ lazer classifica a esfera que comporta o trabalho remunerado como apenas mais uma que reclama a subordinação regular e equilibrada dos sentimentos pessoais, por mais fortes e apaixonados que possam ser, às necessidades sociais impessoais.

Cada vez mais o manto das restrições vai aumentando e atingindo nossas vidas, hoje podemos observá-lo no campo das atividades de tempo livre. Onde até mesmo as relações sociais no âmbito da esfera privada. Por isso, são necessários

momentos em que se possam manifestar pulsões individuais ou coletivas mais intensas, que são de certa forma, constantemente reguladas. Podemos encontrar essa oportunidade de demonstrar emoções num lugar onde esses fortes sentimentos possam ser expressos de uma forma equilibrada e socialmente aceita. Daí surgem o esporte, a dança, o teatro, as corridas, as festas e todas outras atividades associadas ao termo “Lazer”. Como afirmam Elias e Dunning (1992a, p. 112).

“acontecimentos de uma maneira geral associados ao lazer, em especial de todas as atividades miméticas e dos acontecimentos do mesmo gênero, têm de ser estabelecidas relativamente a esta ubiquidade e estabilidade de controle das excitações [...] Sob a forma de fatos de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz as necessidades de experimentar em público a explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba e nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com excitações do tipo sério”.

Para este momento ao qual atribuímos como momento principal das atividades de lazer, o momento da criação de tensões, é importante lembrar que a tensão da qual falamos, é a tensão que surge, é desenvolvida e atinge seu clímax pelo próprio fato do lazer, e não por demais inquietações, onde tais fatos de lazer proporcionam, por uma determinada duração temporal, a erupção de sentimentos agradáveis e fortes, que com frequência, estão ausentes nas rotinas habituais da vida.

Esta questão de capital importância recebe, ao nosso ver, um tratamento adequado nas palavras de Gebara (2000). Para o autor, trata-se de um fenômeno mais complexo, pois é irredutível a formulas generalizantes e simplificadoras. Em outras palavras, se as atividades de lazer forem rotinizadas perderão sua capacidade de gerar excitação. Constituindo-se como um processo bastante dinâmico criado por opções feitas no cotidiano, trata-se de fato social vivido com perdas e ganhos. Portanto, não tem apenas caráter sublimatório ou compensador. Segundo Gebara (2000, p. 43):

“não a liberação das tensões, ou os mecanismos compensatórios tão enfatizados pelos “Frankfurtianos”, mas sim o desenvolvimento de uma tensão agradável, de uma tensão-excitação, como o mecanismo central da satisfação do lazer, que configura um avanço considerável. Os escritos de Elias e Dunning apontam para uma maior complexidade destas questões relativas ao lazer. Não são fenômenos puramente biológicos que explicam este conceito mais dinâmicos das tensões”.

Portanto, as atividades de lazer quando deixadas de lado, esquecidas, taxadas como forma de preguiça ou algo típico de pessoas desocupadas pode se tornar um sério problema nas sociedades com alto grau de restrições civilizadoras. Os momentos de lazer, à medida que o processo de civilização avança, vão se tornando cada vez mais importantes em virtude do aumento das restrições no interior do campo social. Sendo assim, o lazer constitui uma função primordial na vida dos indivíduos dessas sociedades complexas, e se consagra como uma esfera onde emoções fortes podem ser vivenciadas em público com a aprovação social. Entretanto, para Elias e Dunning (1992) as atividades de lazer que tem como característica a destruição da rotina, se não se exporem a um certo nível de insegurança, a um risco maior ou menor do que o de comum, podem perder sua função de desrotinização. Segundo Elias e Dunning (1992b, p. 160).

“As atividades específicas de lazer podem perder sua função de destruição da rotina. Conservam-na somente a um dado conjunto de rotinas. Atividades que hoje possuem uma função de destruição da rotina podem tornar-se rotineiras através da repetição ou através de um grau de controle demasiado rígido e, deste modo, perdem a função de proporcionar excitação. Nesse caso, deixam de proporcionar um grau de insegurança, de satisfazer a expectativa de algo inesperado e arriscado, a tensão, a excitação da ansiedade que as acompanha”.

Também é possível encontrar em escritos de Gebara (2000) passagens onde fica explícita a importância do lazer, apontando as atividades que tem características desrotinizadoras como muito importantes para a vida em sociedades mais complexas. Segundo Gebara (2000, p. 42):

“[...] as relações emocionais têm um papel central no lazer, isso porque desempenham funções desrotinizadoras. As rotinas corporificam práticas cotidianas seguras. Neste sentido, as práticas de lazer podem trazer riscos controlados e processos de ruptura de rotinas crescentemente verificáveis na sociedade industrial”.

Após passar por uma teoria considerada um clássico da sociologia entraremos em um campo onde será possível observar melhor e com maior proximidade as interferências que atividades de aventura e risco tem em nossas vidas de forma mais atual. Tais questões são claramente abordadas nos escritos de David Le Breton que faz uma análise contemporânea do fenômeno através da sociologia configuracional, onde seu objetivo é tentar encontrar o por quê dos indivíduos procurarem tais atividades como entretenimento no lazer ou no esporte, e porque se sentem melhores quando inseridos nelas que outrora em que não as praticavam e, posteriormente, o por quê desses praticantes não abandonarem tais atividades apesar do risco eminente, na maioria das vezes presente, oferecido por elas.

2. 4- A relação com o risco:

As atividades em meio à natureza vêm se tornando cada vez mais procuradas por diversos tipos de pessoas. Essas atividades recebem o nome de atividades ou esportes de aventura, dentre elas destacam-se: rapel, alpinismo, canoagem, corridas de aventura, vôo livre, pára-quedismo, raid, etc. Entretanto, não se sabe muito bem por que cada vez mais pessoas as procuram. Olhando a primeiro plano é possível encontrar dois pontos que se assemelham entre todas elas. Primeiro, o engajamento arriscado que todas oferecem e, segundo a ligação ao ambiente natural, florestas, cachoeiras, desertos, neve, etc. A dita busca pela “adrenalina”, forma como é chamada pelos praticantes mais jovens, se dá nesses ambientes, onde os indivíduos experimentam uma nova carga de sentimentos fortes, onde se é possível intensificar as suas relações com o mundo, como afirma Le Breton (2006b, p. 94).

“‘Se acabar’, ‘curtir adoidado’, ‘perseguir um esforço além de suas forças’, apesar do esgotamento, da fome, do frio, da indecisão ou do medo, não ceder a atração irresistível de sucumbir, sentir, enfim, o mundo pulsar em si mesmo, tocá-lo com suas próprias mãos, com todo seu corpo, tornam-se necessidades internas para inúmeros ocidentais”.

De fato por se tornarem cada vez mais conhecidas e de maior possibilidade de acesso, as pessoas passaram a ter na atividade de aventura, dentro de uma sociedade capitalista, mais um campo de exploração mercadológico, onde se tornaram atividades de lazer regular ou de férias. As agências de turismo de aventura ou turismo em meio natural, hoje conhecidas popularmente como de “ecoturismo”, realizam diversas estratégias para propor a sua clientela momentos onde atividades de aventura sejam praticadas. Entretanto, o que ocorre é a crescente espetacularização dessas atividades, estão deixando de serem chamadas como foram chamadas anteriormente, de busca de si mesmo e embate com o mundo em sua nudez que gera sentimentos fortes e apaixonados, e se tornam um objeto de consumo. Também para Marinho (2006, p. 6) a idéia de que a cada dia as atividades de aventura se tornam um campo de exploração mercadológico fica bem visível.

“As corridas de aventura são exemplares nesse quadro relacionado ao consumo. Uma racionalização e uma burocratização, por meio das competições acirradas nessas corridas, conquistam mais espaço a cada dia, demarcando um ambiente, por outro lado, imprevisível e hostil e, por outro, disciplinar e controlador. O lazer, nesse caso, tende a se converter em trabalho, em obrigação: “vamos produzir diversão, vertigem, adrenalina a qualquer custo...”. Destaca-se uma relação pautada por critérios de produção, consumo e lucro”.

Atualmente o que importa é andar em fila atrás de um guia. Dentro desse contexto, a presença do risco nas atividades de aventura é um simulacro, deseja-se o risco, mas sem o risco.

A atividade que servia para a busca da excitação e liberação das pulsões fortes do individuo, como afirmavam Elias e Dunning, ainda existem. Porém, perdem seu terreno a cada dia para a busca pessoal de proezas e a demonstração de excelência pessoal. Muitas vezes não são levadas em consideração pelos guias

ou monitores, que deixam de lado a existência do risco, e não se dão conta do quão letal pode se tornar caso um acidente ocorra.

Mas voltando a questão que primeiro foi sugerida por Elias e Dunning, a busca pela excitação no lazer, encontramos em escritos do sociólogo David Le Breton o ponto crucial onde podemos observar semelhanças peculiares ao tema abordado. Elas convergem quando os sociólogos passam a afirmar que é necessário, além das atividades de tempo livre e de lazer rotineiras, uma atividade com momento e local específico onde se possa permitir ao indivíduo sentir fortes emoções, que de certa forma são restritos ou regulados pelo seu trabalho ou sociedade em que vivem. Como coloca Le Breton (2006b, p.100).

“A impossibilidade de se realizar em um trabalho sem surpresas em que o homem aparece exterior em relação à sua tarefa, limitado em suas iniciativas, trás a necessidade de encontrar em outro lugar lazeres em que possa, por fim, dar sua plena medida numa outra dimensão de realidade na qual o jogo domina”.

Uma vida calma sem demais sentimentos fortes, uma integração social sem preocupações, provoca condutas inesperadas, provocações, desafios que tem como objetivo acrescentar à existência a emoção que lhe falta. É comum observar que os adeptos de atividades de aventura e risco insistem sobre a falta de estímulos que se colocam sobre as suas existências superprotegidas pelos regulamentos sociais. Essa forma de segurança, que envolve a existência, torna nossas vidas rotineiras e suscitam o tédio. Para propiciar aos indivíduos um reencontro com suas sensações, o jogo com o risco representa um caminho majestoso. Essas atividades são vistas pelos praticantes como uma forma de compensar uma calma excessiva promovida por nossa sociedade, elas são vistas como uma forma de reencontrar a graça da vida numa sociedade, segundo os praticantes, por demais segura e protegida por regulamentos e normas. Como explica Le Breton (2006b, p. 101).

“O risco, que nossas instituições combatem em vários campos, oferece, se ele é livremente escolhido, uma oportunidade de viver contra a corrente, de voltar aos valores originais, de escapar ao tédio intensificando a relação com o momento graças a uma atividade inebriante. Ele é um caminho transversal para retomar em suas mãos uma existência entregue a dúvida, ao caos ou à monotonia. Se ele é controlado, representa uma maneira deliberada de representar o melhor de si mesmo. No momento de uma atividade de lazer ou de desafio pessoal, o risco torna-se uma espécie de onde retirar o sentido, realçar o gosto de viver enfraquecido ou, por vezes, até mesmo reencontrá-lo, após tê-lo perdido. Ele atinge indivíduos socialmente bem integrados, mas que se esforçam em fugir da rotina, da segurança de uma existência excessivamente regrada. A busca do risco alimenta uma intensidade de ser que falta habitualmente. Ela é uma maneira de quebrar as rotinas da existência, uma tentativa de evasão”.

Quando essas atividades são procuradas de forma alguma são tratadas como uma ilusão. Mesmo que o fracasso e a morte caminhem junto com essa escolha, ela deve permanecer na esfera do controle, onde o indivíduo se sinta capaz de dominar a ação, onde somente suas armas estão disponíveis para solucionar possíveis eventualidades, tendo a sensação de construir a cada segundo seu avanço. Quanto mais difícil o obstáculo superado mais se torna prazerosa a ação, mais o indivíduo se sente fortalecido por tê-las enfrentado, e maior é o rendimento simbólico que a atividade gera em relação a formação ou aprimoramento de uma identidade pessoal. Se o risco não existisse, se não houvesse dificuldade, realizar essas tarefas não teria muito interesse, a não ser para iniciantes, limitados no imaginário do risco. Quando é encontrado esse imaginário onde se consegue se desdobrar e usar todo seu potencial, o indivíduo reencontra o pleno prazer de uma existência que não é comum, podendo nela exercer total sagacidade, resistência e coragem. Este momento está plenamente inserido em um processo criativo, faz com que esse ator crie uma relação lúdica com o mundo. “O recurso às sensações fortes, às emoções das práticas de risco aparece como uma respiração necessária que vem em salvação ao sufocamento de si mesmo”. Le Breton (2006b, p. 103).

Quando um objetivo é alcançado por esses atores não existe nenhuma recompensa, não produzem nenhum valor econômico, entretanto para quem os faz

se realiza ao praticá-los. Tem-se que a única justificativa plausível para tentar explicar porque tal engajamento é procurado consiste na intensidade das emoções sentidas, onde é possível se realizar bem mais do que na vida cotidiana ou profissional. Para um número cada vez maior de indivíduos, viver não basta mais, é preciso se sentir intensamente. Segundo Le Breton (2007, p. 10):

“Na verdade, o gosto de viver é uma medida, no homem, desses movimentos contraditórios de confiança em relação ao mundo e de capacidade de questionar e de assumir riscos. Por termos a possibilidade de perdê-la, a existência é digna de valor. Em outras palavras, os riscos assumidos e a exposição pessoal deliberada em circunstâncias difíceis são uma maneira de intensificar o sentimento de existir”.

Para alguns indivíduos, a tranquila evidência de viver não é assimilada, é preciso experimentar o ato intenso de sua existência. Entretanto, tais atividades exigem evidentemente uma igualdade ou balanceamento entre as capacidades do indivíduo e a dificuldade da tarefa almejada. Se a tarefa almejada está além das habilidades do indivíduo, o seu sentimento será o de ser massacrado pelos acontecimentos, podendo dar um fim não satisfatório a ação. Quanto mais esse desequilíbrio tender a dificuldade da tarefa, de modo que as habilidades do indivíduo não sejam suficientes para finalizá-las com sucesso, o indivíduo será exposto a uma situação não desejada, mobilizando-o a angústia e a um estresse clássico. Sendo assim, sua capacidade de ação será suprimida perante o acontecimento. Esse estresse não trará um processo criativo, a formação de uma identidade ou um desejo forte destinado a oferecer um sabor crescente a existência. Para Le Breton (2006b, p. 104) o verdadeiro sentimento de crescimento pessoal e formação de uma identidade de lazer acontece quando:

“A associação do risco e do estresse em uma realização pessoal, implica na livre decisão de se submeter. Para que o medo ou a incerteza engendre uma emoção saboreada pelo indivíduo, as condições de seu surgimento devem provir de uma escolha deliberada, devem sustar a ocasião de uma criatividade, de um feliz frenesi”.

Também para Elias e Dunning a presença do risco em atividades de lazer é essencial, e constitui parte integrante do prazer. Deixando claro que a existência de

um limite intensifica a atividade, gerando um prazer maior a medida que atividade se aproxima desse limite, entretanto quando este não é respeitado, a integridade física do ator esta a mercê das eventuais surpresas que a atividade pode revelar, dando espaço a um jogo simbólico com a morte. Como afirma Elias e Dunning (1992b, p. 151).

“No conjunto da atividade de lazer, todas integram um tipo peculiar de risco. São capazes de desafiar a rigorosa ordem da vida rotineira sem colocar em perigo os meios de subsistência e seu estatuto. Permitem às pessoas tornar mais fáceis ou ridicularizar as normas da sua vida de não lazer, e todos o fazem sem ofender a consciência ou a sociedade. Envolvem “brincar com as normas” como um “brincar com fogo”. Por vezes, vão longe de mais”.

Para Le Breton a proximidade ou o jogo com a morte é recompensador, ele traz para o atleta de esportes de aventura a certeza plena de que a tarefa realizada valeu a pena. Quanto maior a aproximação ao campo limite da atividade, maior será seu mérito ao final da execução. Entretanto, essa busca por uma sensação apaixonada de sentimentos fortes, que tem como via principal para sua obtenção a proximidade com a morte, não caracteriza imprudência e nem descaso com a vida. Pelo contrario, engajamentos arriscados em meio à natureza partem de forma lúcida dos atletas, existe uma confiança em si mesmo, que distingue tal engajamento de uma vontade pura e simples de morrer. Todos eles contam com seus recursos pessoais como cálculos, probabilidades ou até mesmo a sorte, sem esse pensamento, correr o risco seria uma forma desajeitada de suicídio, um abandono às circunstâncias, e não uma iniciativa pessoal. A verdadeira realidade criada em meio a esse risco traz ao praticante uma maneira elegante de colocar por um instante sua existência a altura da morte, para se apoderar de uma parcela de seu poder. Não se deseja findar a existência, mas sim dar um sentido, retirar dela o mérito e construir assim uma realidade criada por suas próprias mãos. Como afirma Le Breton (2006b p. 108)

“Com a condição de se expor ao risco de perder a vida, o indivíduo caça no território da morte e traz o troféu que não é um objeto, mas um momento impregnado da imensidão do ser, trazendo nele a insistente lembrança do momento em que, por sua coragem ou por sua iniciativa, ele conseguiu arrancar dela a garantia de uma vida doravante bem forjada”.

Portanto, levar a metáfora “proximidade com a morte” até seu ponto mais extremo permite ao praticante saborear uma vida repleta de sentimentos fortes, apaixonados. Levar o corpo a provações intensas é o objetivo desses atores, que ao correr o risco sempre se expõem totalmente, porém sempre deixando a possibilidade de escaparem ilesos, eles se permitem enfrentar as maiores adversidades, para ao final retirarem delas o melhor. Convertem seu medo e cansaço em prazer e determinação. Ao sair ileso da atividade sentem que a troca simbólica com a morte foi feita e revertida em uma exaltação de se ainda estar vivo. Tal provação extrema leva a um poderoso meio de construção de uma identidade de lazer, que foi propiciada por sua vontade, obtendo sucesso somente por seus recursos pessoais.

3- Considerações finais:

Em nossas análises, a partir da abordagem adotada e de acordo com os autores neste trabalho citados, onde o nosso objetivo era investigar os motivos pelos quais as atividades de aventura que se caracterizam pelo risco vêm sendo crescentemente procuradas como esporte e lazer para a busca da excitação no contexto de nossas sociedades contemporâneas, pudemos observar que o indivíduo que procura essas atividades de aventura onde o risco está presente sente uma necessidade de busca de sentidos mais intensos para sua vida. As atividades esportivas arriscadas servem como um meio para que proporcione ao praticante uma sensação de intensificação da sua presença no mundo. Com essas práticas o indivíduo penetra em uma outra camada de sua existência, uma outra dimensão da realidade, podendo assim se sentir apaixonadamente vivo. Tais sensações diferem de sua vida cotidiana rotineira, onde emoções e sentimentos mais fortes encontram-se muito atenuados quando não inexistentes.

Ao se ver de frente com os desafios da natureza o adepto do esporte radical pode renovar seu contato simbólico com o meio, ele é levado veementemente a mostrar seu valor, não ao modo social previamente estipulado em valores de conduta, onde eventualmente muitas são formais e efêmeras, mas sim para si mesmo, de modo a reencontrar uma maior intensidade para a sua existência.

Enfim, nas atividades de aventura e risco o corpo traduz uma outra imagem da existência, sua prática expressa uma forma de testar o valor pessoal do indivíduo, onde os limites do corpo tornam-se adversários a serem vencidos. Com isso, o indivíduo almeja tomar a sua existência em suas mãos pelo domínio do seu corpo. Todo sofrimento, fadiga, dor, medo e vertigem experimentados durante a prática, são convertidos em júbilos e passam a ser um atestado da profunda renovação de seus laços com a vida. Sendo assim, o corpo torna-se um caminho possível para uma outra forma de ascese. Trata-se de reencontrar um enraizamento encarnado intenso de sua existência.

Referência Bibliográfica

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**: A busca da excitação no lazer. Lisboa: Difel, 1992a.

_____. **A Busca da Excitação**: O lazer no espectro do tempo livre. Lisboa: Difel, 1992b.

GEBARA, A. **Norbert Elias e a teoria do processo civilizador**: contribuição para análise e pesquisa no campo do lazer. BRUNS, H. T. (Org.) Temas sobre o lazer. Campinas: Autores associados, 2000.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução Sonia M. S. Furhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006a.

_____. Risco e lazer na natureza. MARINHO, A.; BRUNS, H. T. (Org) **Viagens, lazer e esporte**. tradução Adriana Junqueira Arantes, Maria Idalina Ferreira lopes, Maria de Lourdes Gianini. Barueri: Manole, 2006b.

_____. Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar. **Revista brasileira de ciências do esporte**. Campinas, v.28, n.3, p.9-19. Autores associados, 2007.

MARINHO, A. Lazer, natureza, viagens e aventuras: Novos referentes. MARINHO, A.; BRUNS, H. T. (Org) **Viagens, lazer e esporte**. Barueri: Manole, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.